

LETRAMENTO: ALGUMAS PRÁTICAS DE LEITURA DO JOVEM DO ENSINO MÉDIO

Eliane Porto Di Nucci¹

Resumo

Este trabalho visa descrever as práticas sociais de letramento de adolescentes que freqüentam o ensino médio, particularmente as práticas de leitura. Foram selecionados 20 sujeitos de uma classe de 2ª série do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Campinas/São Paulo. Os dados foram coletados através de um questionário fechado, composto por diferentes eventos de letramento. Os dados mostram que as práticas de leitura mais comuns entre os jovens são a leitura de revistas (100% dos sujeitos), seguida da leitura de jornal (85%) e da leitura de livros (65%). Entre diversos eventos de letramento presentes no cotidiano, ressalta-se que 80% dos sujeitos lêem bilhetes e correspondências, entre outros. Conclui-se que os jovens buscam a leitura em função das necessidades cotidianas e da facilidade de acesso.

Palavras-chave: letramento, leitura, ensino médio.

Literacy: THE YOUNG READER IN SECONDARY SCHOOL

Abstract

The aim of this research is to describe the social practices of literacy of adolescents who are in secondary school courses, specifically reading practices. Twenty subjects of a second grade course in secondary school have been selected, they are all from a public school in Campinas city. All the data has been collected through a closed questionnaire, containing different events of literacy. The data shows that the reading practices between the adolescents are the magazine's reading (100%), the newspaper's reading (85%) and the book's reading (65%). Referring to different events of literacy in the everyday, emphasize that 80% of the people interviewed read short notes and mailing. We conclude that young people search their reading according to their everyday necessities and access facilities.

Key words: literacy, reading, secondary school

INTRODUÇÃO

O termo letramento tem despertado amplas discussões e gerado diferentes concepções entre estudiosos das áreas da educação, da lingüística e das ciências sociais.

Funcionar efetivamente no grupo ou na comunidade significa compreender o mundo da escrita no qual o indivíduo está inserido. Na busca de compreender as implicações da escrita no mundo social, surgiu o termo *letramento*. Trata-se da versão em português da palavra "*literacy*", que vem do latim "*littera*" (letra), com o sufixo "cy" (condição, qualidade) (Soares, 1998; Ri-

beiro, 2001). Sob a ótica do letramento, a leitura e a escrita são vistas não apenas como a tecnologia de registrar a fala em escrita, de decodificar a escrita em fala, mas enquanto práticas sociais que possibilitam uma melhor inserção cultural do indivíduo (Soares, 1998).

Atualmente, considera-se que, para o indivíduo inserir-se em uma sociedade letrada, ele precisa ser capaz de compreender textos escritos, mesmo que não tenha o domínio do código escrito, isto é, mesmo que não seja alfabetizado. Ser alfabetizado e ser letrado são condições diferentes. O indivíduo alfabetizado é

¹ Docente Universidade São Francisco e doutoranda da Unicamp

aquele que domina a tecnologia de ler e de escrever. Já o indivíduo letrado é aquele que usa funcionalmente a leitura e a escrita nas práticas sociais cotidianas, de forma a favorecer sua inserção cultural (Soares, 1998).

Estudiosos como Kleiman (1995), Soares (1998) e Ribeiro (1999; 2001) têm se preocupado em conceituar o letramento e compreender sua relevância para a inserção social e cultural do indivíduo em uma sociedade letrada, considerando os diferentes níveis de letramento. Na concepção de Kleiman (1995), o letramento é compreendido como “uma prática discursiva de um determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa a interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler e de escrever” (p.18). Ou seja, o letramento é um conjunto de práticas relacionadas ao uso, função e impacto social da escrita, utilizando esta como sistema simbólico em contextos específicos, para determinados objetivos.

De acordo com esta concepção, indivíduos que não tenham recebido a educação formal e não dominam o código escrito podem ser considerados letrados desde que usem a escrita e interajam no contexto social. Essa concepção de letramento enfoca as práticas sociais em si, ou seja, o fato de nós estarmos em contato com a escrita no cotidiano, nos torna letrados, habilitando-nos a interagir com este meio letrado. Em contrapartida, Soares (1998) e Ribeiro (1999) entendem letramento a partir das implicações destas práticas para o indivíduo: o contato com a escrita contribui para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, mas é a natureza e o efeito da prática da escrita no cotidiano que nos torna letrados e inseridos no contexto social.

Na concepção crítica de Soares (1998), tornar-se letrado produz conseqüências sócio-culturais, já que o indivíduo passa a ter, gradualmente, uma nova condição social e cultural, um novo modo de viver na sociedade e de se inserir na cultura (o que não implica, necessariamente, em mudar o nível sócio-econômico). Pode trazer conseqüências cognitivas, pois a pessoa pode desenvolver formas de pensamento mais elaborados, diferentes da iletrada ou analfabeta; e também conseqüências lingüísticas, uma vez que o convívio com a língua escrita influencia no uso da língua oral, nas estruturas lingüísticas e no vocabulário. Assim, o conceito de letramento é caracterizado pelas habilidades e conhecimentos de leitura e de escrita necessários para que o indivíduo “funcione” e engaje-se adequadamente nas atividades sociais nas quais são exigidos.

Diante desta idéia, Soares (1998) define letramento como o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (p.39). Essa concepção de letramento, enquanto conseqüência das práticas sociais da escrita para o indivíduo, descrita por Soares (1998), é complementada por Ribeiro (1999; 2001), que entende que o letramento surge nas relações entre a aquisição e o uso da escrita com as mudanças que ocorrem na organização social e cultural, implicando o aprimoramento do funcionamento cognitivo dos indivíduos.

Embora haja diferentes concepções sobre o letramento, o eixo norteador dos estudos são as diferentes práticas sociais da leitura e da escrita presentes no cotidiano do indivíduo. Ler o jornal do dia, os *outdoors* nas ruas, o letreiro dos ônibus, as contas a pagar, deixar escrito um bilhete, fazer anotações na agenda ou encaminhar um relatório, entre outras situações que fazem parte do cotidiano do indivíduo, podem ser denominados eventos de letramento. Estamos o tempo todo em contato com estes eventos que nos permitem compreender o mundo, embora, muitas vezes, não percebemos estes eventos em nosso dia-a-dia.

No entanto, não basta apenas estar em contato com os diferentes eventos de letramento. É preciso que estes eventos tenham um uso funcional no cotidiano. Esse uso funcional da leitura e da escrita, ou seja, as práticas sociais de letramento é que inserem culturalmente o indivíduo em uma sociedade letrada (Kleiman, 1995).

Podemos, então, dizer que as diferentes práticas de letramento presentes no cotidiano do indivíduo contribuem para que ele desenvolva a habilidade de codificar a língua escrita e de compreendê-la em seu contexto, variando de intensidade em função desse uso. Essa variação é decorrente da familiaridade do indivíduo com as práticas sociais da escrita no cotidiano, que determinam os diferentes níveis de letramento (Ribeiro, 1999; 2001).

Entendemos que os níveis de letramento estão relacionados não apenas com as práticas sociais, mas também com as práticas escolares, particularmente de leitura. É através da leitura que o indivíduo interage com mundo letrado, mesmo sem estar alfabetizado.

A leitura é, enquanto prática de letramento, um meio de conhecimento e compreensão de uma realidade social que ultrapassa a idéia de simplesmente codificar símbolos gráficos (Bezerra, Loureiro & Maldonado,

2001). É através da leitura que o indivíduo constrói uma visão reflexiva e crítica da realidade na qual está inserido.

Essa concepção de leitura é descrita pelos novos parâmetros curriculares nacionais (MEC, 1999) e as novas diretrizes curriculares para o ensino médio, que propõem uma articulação entre as práticas de leitura escolar e as práticas sociais para que o aluno aprenda de forma contextualizada e desenvolva a crítica ao ler o mundo e ao escrever sobre ele. Esse é o grande desafio da escola, que vai além da alfabetização do aluno, ou seja, ensinar o domínio do código escrito, cabe à escola tornar o aluno um indivíduo letrado, habilitando-o a usar a escrita em atividades comunicativas e culturais e a compreender o mundo de forma crítica e contextualizada.

Embora o meio social e familiar sejam ambientes favoráveis ao letramento, a escola é uma grande influente no desenvolvimento de níveis de letramento. Essa influência pode ser observada em estudo realizado por Ribeiro (1999). O estudo, realizado com jovens e adultos brasileiros, teve como objetivo descrever as diferentes atitudes em relação aos contextos de usos da leitura e da escrita associadas a diferentes graus e tipos de uso da escrita. A variedade de eventos e práticas de letramento e suas relações com peculiaridades culturais devem ser compreendidas e valorizadas, pois os resultados confirmam os déficits educacionais que atingem a população jovem e adulta e seus efeitos no que se refere ao acesso à cultura escrita. Os resultados mostram também que, mesmo pessoas que não dominam o código escrito, exercem práticas sociais que envolvem a escrita, embora apresentem um baixo nível de letramento em relação aos indivíduos escolarizados.

A escola deve oferecer condições de ensino que atendam as necessidades atuais de inserção social do indivíduo em uma sociedade letrada. Para isso, o ensino deve estar respaldado em atividades sociais de aprendizagem, considerando os aspectos acadêmicos, isto é, as práticas de letramento devem partir das experiências dos alunos para, então, trabalhar os aspectos formais da linguagem e os conteúdos acadêmicos (Di Nucci, 2001).

Tradicionalmente, em nossa sociedade a escola é moldada para ensinar conteúdos acadêmicos, sem ter a preocupação de ensinar a ler e a escrever a partir do contexto cotidiano dos alunos. A educação escolar pressupõe um desenvolvimento lingüístico e uma ex-

posição à leitura e à escrita que muitas vezes os alunos não têm em sua prática cotidiana, o que torna o ensino acadêmico descontextualizado e sem função social para o aluno. Diante desta realidade, é comum ouvirmos comentários como “os jovens não sabem ler” ou “os jovens não gostam de ler”. Esses comentários nortearam o caminho que levou à busca pela compreensão das práticas sociais de leitura dos adolescentes.

A necessidade de compreender estas inquietações sobre as práticas de letramento cada vez mais impostas pelas sociedades atuais e o número restrito de estudos sobre o tema, mais especificamente no ensino médio, despertou o interesse da autora em desenvolver este trabalho cujo objetivo é *descrever as práticas de leitura de jovens do ensino médio*.

MÉTODO

1. Sujeitos

Participaram da pesquisa 20 alunos, sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino, de idade entre 17 e 22 anos. Os sujeitos freqüentavam a 2ª série do ensino médio de uma escola da rede estadual da cidade de Campinas. Estes alunos eram pertencentes ao nível sócio-econômico médio-baixo, sendo que 80% trabalhavam durante o dia e estudavam no período noturno.

2. Material

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário de múltipla escolha organizado em 4 (quatro) partes. A primeira parte era referente à leitura de jornal; a segunda, referente à leitura de revistas; a terceira parte referia-se à leitura de livros e a última parte, à leitura de eventos de letramento presentes nas situações cotidianas.

3. Procedimento de coleta de dados

O questionário foi aplicado coletivamente. A pesquisadora lia as instruções a cada parte do questionário, esclarecia as dúvidas e esperava que os sujeitos respondessem para, assim, passar para a parte seguinte. Este procedimento foi utilizado para todas as partes do questionário. Ao final da aplicação, cada sujeito entregou o questionário respondido à pesquisadora.

RESULTADOS

Os dados a seguir são decorrentes de um levantamento de informações sobre as práticas de leitura de jovens que freqüentam o ensino médio.

Com relação à primeira parte do questionário (leitura de jornal), 85% da amostra afirmou ler jornal. A leitura do jornal é feita por seções, como mostra a tabela 1. Entre as seções mais lidas do jornal estão noticiário local, horóscopo e classificados (16,67%) e esporte (15,0%). As seções lidas em menor freqüência são artes (6,66%), noticiário nacional (5%) e economia (3,33%). Os demais sujeitos (15%) afirmaram não ler jornal em função da falta de interesse ou de hábito de leitura, o que parece não ser uma prática de leitura comum a todos os jovens.

Segundo os jovens, uma variável que influencia a leitura de jornal é referente às diferentes seções presentes nele, as quais despertam a curiosidade de cada leitor. É comum lermos o jornal de acordo com nosso interesse: ora lemos o jornal integralmente, ora lemos determinadas seções. O mesmo ocorre com os jovens: eles preferem ler as partes que descrevem informações que julgam interessantes (horóscopo e esportes) e informações relacionadas com o cotidiano (noticiário local e classificados), por julgarem importantes para a interação social no cotidiano.

Tabela 1: leitura do jornal parte do jornal

	F	%
Noticiário Local	10	16,67
Horóscopo	10	16,67
Classificados	10	16,67
Esportes	9	15,0
Noticiário Internacional	6	10,0
Quadrinhos	6	10,0
Artes	4	6,66
Noticiário Nacional	3	5,0
Economia	2	3,33
Total	60	100

Destaca-se que, para esses jovens, a leitura do jornal é uma prática de letramento que ocorre de acordo com a facilidade de acesso e também com a disponibilidade e a motivação do indivíduo.

Outra prática de leitura bastante comum entre os jovens da amostra é a leitura de revistas, referente à segunda parte do questionário. Esta prática é comum

a todos os sujeitos (100%) que afirmaram ler algum tipo de revista, conforme apresentado na tabela 2.

Tabela 2: leitura de revista

Tipo de Revista	F	%
Informação	15	23,04
Feminina	11	16,93
Erótica	9	13,85
Esportes	8	12,31
Gibis	7	10,77
Especializada	6	9,24
Científica	5	7,70
Humor	4	6,16
Total	65	100

De um total de 8 (oito) tipos de revista, os sujeitos indicaram a leitura de mais de um tipo de revista, o que parece indicar que a revista é um evento de letramento bastante presente no cotidiano desses jovens.

A tabela 2 mostra que as revistas de informação como *Veja*, *Isto É*, *Época* são as mais lidas (23,04%) entre os jovens, seguidas das revistas femininas como *Claudia*, *Criativa*, *Desfile* (16,93%), revistas eróticas, como *Playboy*, *Sexy* (13,85%), de esportes, como *Placar*, *Lance* (12,31%), Gibis (10,77%), além das revistas especializadas, como *Culinária*, *Saúde* (9,24%), revistas científicas, como *Exame*, *Superinteressante* (7,70%) e de humor, como *Mad*, *Bundas* (6,16%).

A leitura de revistas é, assim como a leitura de jornal, uma prática letramento bastante presente no cotidiano dos jovens da amostra. Pode-se observar que a leitura de revistas está mais voltada para a busca de informações e de curiosidades da vida cotidiana do que para assuntos acadêmicos. Entre as revistas mais lidas, destacaram-se revistas de informação que, segundo os sujeitos, contém informações cotidianas importantes para a atualização dos fatos ocorridos no decorrer da semana, e revistas femininas, que são lidas apenas como passatempo. As revistas menos lidas são revistas científicas que, na concepção dos jovens, possuem uma linguagem difícil de compreender, o que desestimula a leitura constante, e as revistas de humor, lidas também como passatempo.

A leitura de revistas está bastante presente no cotidiano dos jovens, principalmente pelo fatos dos textos serem curtos e com linguagem de fácil leitura, serem ilustrados e escritos com letras de diferentes formas. De acordo com os sujeitos, são essas características que atraem a leitura. Essas características, mui-

tas vezes, não estão presentes no texto de um livro, o que o torna um evento de letramento menos atrativo para a leitura, como mostram os dados a seguir.

A leitura de livros é a forma menos freqüente entre os jovens da amostra: 65% dos sujeitos apontaram que possuem a prática de leitura de livros. A tabela 3 mostra que entre os livros mais lidos destacam-se *best-seller* (18,33%), livros de auto-ajuda (15,00%) e de literatura (13,33%). Os sujeitos apontam que os livros de literatura são lidos devido à exigência dos professores de língua portuguesa e do vestibular, pois não percebem esse tipo de leitura como sendo prazerosa e importante para a aquisição de novos conhecimentos. Afirmam que a leitura de livros não é importante para a vida deles, não sentem necessidade desse tipo de leitura no cotidiano.

Entre os livros lidos em menor freqüência foram citados romance policial e romance (6,67%), livros de ficção científica (6,67%) e de poesias (3,33%).

Tabela 3: leitura de livros

Tipos de Livro	f	%
Best-Seller	11	18,33
Auto-Ajuda	9	15,0
Literatura	8	13,33
Didático	6	10,0
Biografia	6	10,0
Poesia	6	10,0
Romance	4	6,67
Romance Policial	4	6,67
Ficção Científica	4	6,67
Biografia	2	3,33
Total	60	100

O livro pode ser considerado como um evento de letramento muito marcante na história das sociedades letradas. Ele é o principal símbolo da cultura letrada por dispor de informação cultural que alimenta a imaginação do indivíduo e desperta o prazer pela leitura. Tradicionalmente, a leitura de livros é uma prática bastante presente nas sociedades letradas, principalmente antes do surgimento da televisão e da internet.

Há pessoas que percebem a leitura de livros como uma prática cotidiana para buscar novas informações e conhecimentos sobre as diferentes culturas e como uma forma de lazer. O que torna a leitura de livros uma prática de letramento que favorece a inserção social e cultural do indivíduo

De acordo com os sujeitos, eles encontram dificul-

dade de acesso aos livros e não consideram uma prática de leitura que faz parte da vida cotidiana. Apontaram que não sentem falta desse tipo de leitura para sua inserção cultural e social. A leitura de livros ocorre à medida que eles têm acesso ao livro ou quando ler um livro torna-se uma condição para o bom desempenho acadêmico.

Além dos tipos específicos de leitura através de jornal, revistas e livros, há situações que exigem a leitura no cotidiano de um indivíduo inserido em uma sociedade letrada, conforme apresentadas na tabela 4.

Tabela 4: leitura de textos cotidianos

Tipos de Texto	F	%
Cartas	17	15,74
Bilhetes	16	14,81
Sinais de Trânsito	15	13,89
Contas do Lar	12	11,12
Anúncios	11	10,19
Letreiro de Ônibus	11	10,19
Cartazes	10	9,25
Agenda	10	9,25
Textos Religiosos	6	5,56
Total	108	100

Entre as práticas de letramento relacionados com a leitura do cotidiano destacaram-se a leitura de cartas (15,74%), bilhetes (14,81%), sinais de trânsito (13,89%), contas do lar (11,12%), anúncios (10,19%), letreiros de ônibus (10,19%), cartazes (9,25%), agenda (9,25%) e textos religiosos (5,56%). Embora todas estas práticas façam parte do cotidiano dos jovens dessa amostra, deve-se ressaltar que a leitura desses eventos de letramento têm funções diferentes.

A leitura de cartas e de bilhetes está relacionada com a troca de informações entre amigos ou parentes, ao passo que a leitura de sinais de trânsito, cartazes, letreiros de ônibus e anúncios é realizada eventualmente, quando há necessidade da informação, por exemplo, ao esperar o ônibus ou ao passear pela rua.

A leitura de anotações em agenda, principalmente mensagens de amigos e registro diário do cotidiano do jovem, é uma prática apenas para os jovens que possuem agenda (50% da amostra), particularmente os sujeitos do sexo feminino.

Com relação as contas do lar, esta prática é realizada a título de curiosidade, quando têm acesso a estas contas. Muitas vezes, estas contas chegam para os pais ou parentes, que se encarregam de pagá-las e,

posteriormente, guardá-las. Eventualmente os jovens lêem as contas do lar quando estão sobre a mesa ou têm fácil acesso em casa.

E, em relação a leitura de textos religiosos, esta está relacionada com a prática religiosa familiar de ler a bíblia e de freqüentar a igreja, o que faz parte do cotidiano de 6 (seis) jovens da amostra.

É fato que todo indivíduo inserido em ambiente letrado desenvolve diferentes práticas de letramento, nas quais o contato com eventos cotidianos de letramento é constante. Ler textos do cotidiano ou mesmo jornais, revistas e livros são práticas de letramento que contribuem para que os jovens desenvolvam diferentes níveis de letramento e estejam inseridos social e culturalmente na sociedade. Portanto, as práticas de leitura estão presentes em nosso cotidiano, mesmo que muitas vezes não percebamos os tipos de leitura presentes nele, sejam os textos de jornais, revistas ou livros, seja um bilhete, uma conta telefônica ou uma receita médica.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A leitura parece ser uma prática de letramento pouco prazerosa entre os jovens que freqüentam o ensino médio, pois eles não a percebem como uma forma de lazer, exceto em relação à leitura de revistas. Esta é a prática de letramento mais freqüente entre os jovens, considerada também como uma prática importante para a inserção social do indivíduo. Entre as práticas de leitura realizadas pelos jovens, merecem destaque as revistas de informação e revistas femininas, por serem as mais lidas. Estas são revistas que tratam de assuntos do cotidiano e usam uma linguagem de fácil compreensão, o que vem ao encontro do tipo de leitura que os jovens buscam: textos simples e com conteúdo que fazem parte do cotidiano deles. A leitura de revistas de informação é vista, pela maioria dos jovens, como passatempo, assim como revistas femininas, ao contrário da leitura de revistas científica, por exemplo, como já apontava Dalla Zen (1997).

Parece que poucos jovens se interessam por revistas científicas; talvez pelo fato de o texto ser considerado difícil de compreender, devido à linguagem formal e rebuscada utilizada. Esse tipo de linguagem muitas vezes é encontrada nos livros, o que parece ser um fator desmotivador para essa prática de leitura entre os jovens. Podemos observar que a leitura de livros é

a prática de letramento menos freqüente entre eles.

Freqüentemente ouvimos dizer que “os jovens da geração atual não gostam de ler”. Essa constatação parte dos professores, particularmente os de língua portuguesa, que se queixam da dificuldade em despertar o interesse dos jovens em ler, principalmente, os livros clássicos da literatura. Um dos argumentos mais utilizados pelos professores é recorrer à “ameaça” das provas e do vestibular: a maioria dos jovens só lê livros de literatura que visam ao vestibular.

É interessante notar que a leitura de livros didáticos não faz parte da prática de letramento da maioria dos jovens, embora seja uma prática exigida para a aprendizagem escolar. Esses livros são, na maioria das vezes, utilizados como pretexto para o ensino gramatical e o treino ortográfico. Além disso, esses livros têm como função treinar a compreensão de texto, em que o leitor deve reconhecer, localizar ou selecionar informações (Matos, 2001).

Ler um livro, como forma de lazer, é um hábito que poucos jovens possuem. O hábito de ler, freqüentemente, é desenvolvido no ambiente familiar quando os pais são considerados como modelos de leitor em casa. Esse pais são pessoas que possuem o hábito e ensinam não apenas o sentido do livro, mas também a refletir sobre o sentido da leitura quando praticam rotinas similares àquelas da interação em sala de aula (Heath, 1986).

Além dos livros de literatura, entre os jovens que costumam ler livros merece destaque a leitura de best-seller e de auto-ajuda. Parece que esses tipos de leitura favorecem o crescimento pessoal e podem auxiliar o jovem em momentos de reflexão sobre a vida. Além disso, são livros que apresentam uma linguagem simples, o que parece não ser encontrado, pelos jovens, nos demais tipos.

A falta de interesse pela leitura de livros pode estar relacionada a diversos fatores. Um deles se refere à facilidade de acesso aos resumos de obras clássicas, o que desmotiva o jovem a buscar a leitura da obra literária. Outro fator é referente à dificuldade de acesso: eles lêem livros presentes em casa, pois muitos não têm condições financeiras para comprá-los, já que são considerados caros.

Como pôde ser observado pela pesquisadora, parece que os jovens estão mais interessados em assuntos do cotidiano e nas atualidades que lêem em jornais e revistas ou, ainda, que assistem na televisão, do que nas informações existentes nos livros.

O jornal é considerado um grande meio de comunicação e está presente no cotidiano da maioria dos jovens. Possui uma linguagem simples e de fácil compreensão. Ao ler uma reportagem, o indivíduo adquire novas informações que precisam ser interpretadas, gerar modificações no seu modo de pensar ou de agir em relação à temática abordada, assim, essas informações contribuem para a sua formação (Grotta, 2001).

Ler jornal é uma prática de letramento que, muitas vezes, é incentivada pelas pessoas, principalmente no ambiente familiar. Provavelmente, essas pessoas possuem o hábito de ler jornal e podem ser consideradas como modelos de leitor, assim como em relação à leitura de livros.

Ao ler o jornal, os jovens buscam a leitura, principalmente do noticiário nacional, pois consideram que esta seção os mantém informados sobre acontecimentos cotidianos que podem ser considerados assuntos polêmicos para discussões entre os colegas, despertando o interesse pela leitura. Essa seção, juntamente com a seção de noticiário nacional (considerada pelos jovens como uma prática menos freqüente), são apontadas por Ribeiro (2001) como práticas de leitura bastante comuns no cotidiano de um indivíduo letrado, assim como a leitura das seções de noticiário internacional, esportes e classificados, como apontaram também os jovens.

É interessante notar que os jovens não se interessam pela leitura da seção de economia, talvez pelo fato de acreditarem que este assunto não faz parte do cotidiano deles, mesmo que considerem importante por tratar-se da política e da economia do país no qual estão inseridos.

Podemos considerar as práticas de letramento como maneiras culturais de utilizar a escrita, que envolvem valores, sentimentos e interação sociais. Elas são definidas por regras sociais que regulam o uso e a distribuição dos textos de forma que as pessoas se adequem àquele contexto social (Terzi, 2001).

É por meio das práticas sociais da leitura e da escrita que o letramento ocorre naturalmente na rotina cotidiana do indivíduo e está relacionado com as práticas significativas para ele. Entre essas práticas podemos citar a leitura de bilhetes, embalagens, etiquetas, revistas, encartes, receitas culinárias, jornais, livros e bíblia (Kleiman, 1995; Soares, 1998; Ribeiro, 1999).

Essas são algumas das práticas que também fazem parte do cotidiano dos jovens. Porém, merecem destaque a leitura de cartas, bilhetes e sinais de trânsito como as práticas de letramento mais freqüentes en-

tre eles. A leitura de cartas e bilhetes pode ser considerada como prática de letramento bastante presente no cotidiano dos jovens e que parecem representar uma forma de trocar informações pessoais.

Ler cartas é uma prática cultural que se revela no ato de escrever do adolescente, principalmente sobre vivência escolar e amizade. Por meio da carta, o escritor registra marcas, gestos, códigos, interesses socialmente construídos, revelados nos modelos de apropriação e expressão (Camargo, 2000).

Além dessas práticas, vale ressaltar que os jovens costumam ler sinais de trânsito, seja para ir ao trabalho, à escola ou para passear. Porém, a maioria parece que não possui a prática de ler placas, letreiros, cartazes, que são eventos de letramento bastante presentes no contexto social, como por exemplo, quando atravessam a rua, esperam um ônibus no ponto, passeiam de carro ou mesmo quando pedem e/ou fornecem informações sobre ruas, lojas, etc. É por meio dessa práticas de letramento que os jovens são capazes de se comunicar com outras pessoas e compreender o mundo letrado, de forma que estejam inseridos socialmente para exercerem seu papel de cidadãos letrados.

Ao refletir sobre os dados apresentados, podemos concluir que os jovens parecem não ter o hábito de leitura em seu cotidiano enquanto uma prática prazerosa, de lazer. A leitura, de um modo geral, parece estar vinculada às necessidades emergentes para a inserção cultural, pois lêem os textos na busca pelas informações que necessitam naquele momento.

Muitas vezes, a leitura dos textos presentes no cotidiano está vinculada à necessidade de manter um vínculo afetivo com outros jovens. No caso de cartas e bilhetes e também de inserção social referente a letreiro de ônibus e sinais de trânsito, por exemplo.

Por fim, podemos concluir que, de um modo geral, jovens percebem a leitura como uma importante prática de letramento para sua inserção social. No entanto, não basta estar em contato com os eventos de letramento; é preciso relacionar a escrita com os usos, as funções e o seu impacto social em diferentes contextos (Kleiman, 1995).

É evidente que as práticas de leitura dos jovens no cotidiano não se restringem às práticas aqui apontadas. Há outras práticas de leitura que envolvem os contextos social e escolar. Além disso, não podemos deixar de considerar que as práticas de letramento que envolvem a escrita podem estar vinculadas à leitura. Sob essa ótica, seria interessante que estudos

futuros investigassem as práticas de letramento (de leitura e de escrita) dessa população para, assim,

aprimorar a investigação e ampliar o campo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- Brasil, MEC - Ministério da Educação. (1999). *PCN – parâmetros curriculares nacionais- ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação.
- Bezerra, A., Loureiro, L. & Maldonado, B. (2001). Álbum cultural do recife: a utilização de imagens como objeto de leitura. Em V. M. Ribeiro. *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de letras.
- Camargo, M. R. R. M. (2000) *Cartas e escrita*. Tese de doutorado. Unicamp: Campinas.
- Dalla Zen, M. I. H. (1997). *Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e social*. Porto Alegre: Mediação.
- Di Nucci, E. P. (2001) Alfabetizar letrando ... um grande desafio para o professor! Em S. A. S. Leite. *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi.
- Grotta, E. C. B. (2001). Formação do leitor: importância da mediação do professor. Em S. A. S. Leite. *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi.
- Heath, S. B. (1986). *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. USA: Cambridge University Press.
- Kleiman, A. B. (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras.
- Matos, H. A. V. (2001). O texto e a produção da leitura na escola: novos rumos e desafios. Em S. A. S. Leite. *Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas*. Campinas: Komedi.
- Ribeiro, V.M. (1999). *Alfabetismo e atitudes*. Campinas: Papyrus.
- Ribeiro, V. M. (2001). A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. Em V. M. Ribeiro. *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras.
- Soares, M.B. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Terzi, S.B. (2001). Para que ensinar a ler o jornal se não há jornal na comunidade? Em V. M. Ribeiro *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras.

Recebido em: 05/06/01

Revisado em: 14/12/01

Aprovado em: 08/03/02